

Lima Barreto
Triste fim de Policarpo
Quaresma

Introdução de
LILIA MORITZ SCHWARCZ

Prefácio de
OLIVEIRA LIMA

Pesquisa e notas de
LILIA MORITZ SCHWARCZ
LÚCIA GARCIA
PEDRO GALDINO



Copyright da introdução © Lilia Moritz Schwarcz
Copyright das notas © Lilia Moritz Schwarcz,

Lúcia Garcia e Pedro Galdino

Caricatura de Lima Barreto © Acervo de Academia Brasileira
de Letras — ABL. Reprodução de Jaime Acioli.

Cronologia original feita por Lilia Moritz Schwarcz para
Contos completos, de Lima Barreto (Companhia das Letras, 2010).

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa
de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Penguin and the associated logo and trade dress
are registered and/or unregistered trademarks
of Penguin Books Limited and/or
Penguin Group (USA) Inc. Used with permission.

Published by Companhia das Letras in association
with Penguin Group (USA) Inc.

CAPA E PROJETO GRÁFICO PENGUIN-COMPANHIA
Raul Loureiro, Claudia Warrak

PREPARAÇÃO
Isabel Jorge Cury

REVISÃO
Huendel Viana
Ana Maria Barbosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Barreto, Lima, 1881-1922.
Triste fim de Policarpo Quaresma / Lima Barreto.
— São Paulo: Penguin, 2011.

ISBN 978-85-63560-17-9

1. Romance brasileiro 1. Título.

11-00258

CDD-869.93

Índice para catálogo sistemático:
1. Romances: Literatura brasileira 869.93

[2011]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500 Fax (11) 3707-3501

www.penguincompanhia.com.br

Sumário

Notas sobre o texto	9
Introdução — Lilia Moritz Schwarcz	13
Prefácio — Oliveira Lima	57
TRISTE FIM DE POLICARPO QUARESMA	63
<i>Cronologia</i>	361
<i>Bibliografia</i>	364

PRIMEIRA PARTE

|

A lição de violão

Como de hábito, Policarpo Quaresma, mais conhecido por major Quaresma,⁴ bateu em casa às quatro e quinze da tarde. Havia mais de vinte anos que isso acontecia. Saindo do Arsenal de Guerra,⁵ onde era subsecretário,

⁴ Na denominação regular do Exército brasileiro, major é um oficial elevado na hierarquia, de patente inferior à de tenente-coronel e superior à de capitão. Na época havia também o cargo de major na Guarda Nacional, que fazia parte do serviço ativo e do estado-maior de cada batalhão. Já o “Arsenal de Guerra”, termo que Lima Barreto introduz logo a seguir no texto, era uma instalação militar que, na época, correspondia ao principal depósito de armas e munições do exército, no Rio de Janeiro. Como subsecretário do Arsenal, Policarpo era major do Exército, e não da Guarda Nacional. Subsecretário era um cargo abaixo de secretário e ministro. Mais para a frente, o próprio Policarpo explica o cargo assumido: “Um amigo, influência no Ministério do Interior, lhe tinha metido o nome numa lista de guardas nacionais, com esse posto. Nunca tendo pago os emolumentos, viu-se, entretanto, sempre tratado major, e a coisa pegou. A princípio, protestou, mas como teimassem deixou”. Major era, pois, um cargo honorífico e que driblava a hierarquia militar.

⁵ Referência ao Arsenal de Guerra localizado no bairro do Caju, zona portuária do Rio de Janeiro, que em fins do século XIX pertencia ao bairro de São Cristóvão. O antigo Arsenal de Guerra funcionava na Ponta do Calabouço, no conjunto arquitetônico que constitui hoje o Museu Histórico Nacional. O novo Arsenal foi

bongava⁶ pelas confeitorias algumas frutas, comprava um queijo, às vezes, e sempre o pão da padaria francesa.

Não gastava nesses passos nem mesmo uma hora, de forma que, às três e quarenta, por aí assim, tomava o bonde, sem erro de um minuto, ia pisar a soleira da porta de sua casa, numa rua afastada de São Januário,⁷ bem exatamente às quatro e quinze, como se fosse a aparição de um astro, um eclipse, enfim um fenômeno matematicamente determinado, previsto e predo.

A vizinhança já lhe conhecia os hábitos e tanto que, na casa do Capitão Cláudio, onde era costume jantar-se aí pelas quatro e meia,⁸ logo que o viam passar, a dona gritava à criada: “Alice, olha que são horas; o major Quaresma já passou”.

E era assim todos os dias, há quase trinta anos. Vivendo em casa própria e tendo outros rendimentos além

inaugurado em 11 de novembro de 1892 pelo presidente Campos Sales e até hoje permanece em funcionamento, sendo uma organização militar do Exército brasileiro.

6 O mesmo que “procurava”, “buscava”.

7 Referência ao trajeto de bonde, com duração aproximada de 25 minutos, que percorria da Ponta do Caju a São Januário, localizado em São Cristóvão.

8 Luís da Câmara Cascudo na obra clássica *História da alimentação no Brasil* (São Paulo: Global, 2004) afirma que “no Brasil velho o café ocorria às seis, almoço às nove, jantar às três e meia ou quatro horas, ceia às seis”. Cabe observar que, nesse período, o termo “jantar” corresponde ao “almoço” tal como denominado atualmente. Jean-Baptiste Debret, na primeira metade do século XIX, ao tratar do jantar no Brasil em sua *Viagem pitoresca* afirmou: “subordinada às exigências da vida, a hora do jantar variava no Rio de Janeiro, de acordo com a profissão do dono da casa. O empregado jantava às duas horas, depois da saída do escritório; o negociante inglês deixava a sua loja na cidade ali pelas cinco horas da tarde, para não mais voltar [...] e chegando a sua residência [...] jantava às seis horas da tarde” (Luís da Câmara Cascudo. *Antologia da alimentação no Brasil*. Rio de Janeiro/São Paulo: Livros Técnicos e Científicos, 1977, p. 143).

do seu ordenado, o major Quaresma podia levar um trem de vida superior aos seus recursos burocráticos, gozando, por parte da vizinhança, da consideração e respeito de homem abastado.

Não recebia ninguém, vivia num isolamento monacal, embora fosse cortês com os vizinhos que o julgavam esquisito e misantropo. Se não tinha amigos na redondeza, não tinha inimigos, e a única desafeição que merecera fora a do doutor Segadas, um clínico afamado no lugar, que não podia admitir que Quaresma tivesse livros: “Se não era formado, para quê? Pedantismo!”.

O subsecretário não mostrava os livros a ninguém, mas acontecia que, quando se abriam as janelas da sala de sua livraria, da rua poder-se-iam ver as estantes pejadas de cima a baixo.

Eram esses os seus hábitos; ultimamente, porém, mudara um pouco; e isso provocava comentários no bairro. Além do compadre e da filha, as únicas pessoas que o visitavam até então, nos últimos dias, era visto entrar em sua casa, três vezes por semana e em dias certos, um senhor baixo, magro, pálido, com um violão agasalhado numa bolsa de camurça. Logo pela primeira vez o caso intrigou a vizinhança. Um violão em casa tão respeitável! Que seria?

E, na mesma tarde, uma das mais lindas vizinhas do major convidou uma amiga, e ambas levaram um tempo perdido, de cá pra lá, a palmilhar o passeio, esticando a cabeça, quando passavam diante da janela aberta do esquisito subsecretário.

Não foi inútil a espionagem. Sentado no sofá, tendo ao lado o tal sujeito, empunhando o “pinho” na posição de tocar, o major, atentamente, ouvia: “Olhe, major, assim”. E as cordas vibravam vagarosamente a nota ferida; em seguida, o mestre aduzia: “É ‘ré’, aprendeu?”.

Mas não foi preciso pôr na carta; a vizinhança concluiu logo que o major aprendia a tocar violão. Mas que coisa? Um homem tão sério metido nessas malandragens!

Uma tarde de sol — sol de março, forte e implacável —, aí pelas cercanias das quatro horas, as janelas de uma erma rua de São Januário povoaram-se rápida e repentinamente, de um e de outro lado. Até da casa do general vieram moças à janela! Que era? Um batalhão? Um incêndio? Nada disso: o major Quaresma, de cabeça baixa, com pequenos passos de boi de carro, subia a rua, tendo debaixo do braço um violão impudico.

É verdade que a guitarra vinha decentemente embrulhada em papel, mas o vestuário não lhe escondia inteiramente as formas. À vista de tão escandaloso fato, a consideração e o respeito que o major Policarpo Quaresma merecia nos arredores de sua casa diminuíram um pouco. Estava perdido, maluco, diziam. Ele, porém, continuou serenamente nos seus estudos, mesmo porque não percebeu essa diminuição.

Quaresma era um homem pequeno, magro, que usava *pince-nez*,⁹ olhava sempre baixo, mas, quando fixava alguém ou alguma coisa, os seus olhos tomavam, por detrás das lentes, um forte brilho de penetração, e era como se ele quisesse ir à alma da pessoa ou da coisa que fixava.

Contudo, sempre os trazia baixos, como se se guiasse pela ponta do cavanhaque que lhe enfeitava o queixo. Vestia-se sempre de fraque, preto, azul, ou de cinza, de pano listrado, mas sempre de fraque, e era raro que não se cobrisse com uma cartola de abas curtas e muito alta, feita segundo um figurino antigo de que ele sabia com precisão a época.

Quando entrou em casa, naquele dia, foi a irmã quem lhe abriu a porta, perguntando:

— Janta já?

— Ainda não. Espere um pouco o Ricardo, que vem jantar hoje conosco.

⁹ Modelo de óculos usado do século xv ao início do xx, cuja fixação era feita apenas apoiando-o sobre o nariz, uma vez que sua estrutura era desprovida de hastes.

— Policarpo, você precisa tomar juízo. Um homem de idade, com posição, respeitável, como você é, andar metido com esse seresteiro, um quase capadócio¹⁰ — não é bonito!

O major descansou o chapéu de sol — um antigo chapéu de sol, com a haste inteiramente de madeira, e um cabo de volta, incrustado de pequenos losangos de madrepérola — e respondeu:

— Mas você está muito enganada, mana. É preconceito supor-se que todo homem que toca violão é um desclassificado. A modinha¹¹ é a mais genuína expres-

¹⁰ Indivíduo que, de noite, vai tocar e cantar sob a janela da namorada. Tipo pernóstico e maneiroso, indivíduo do povo que se dá ares de importância. Sujeito de maneiras acanalhadas. Charlatão, parlapatão, trapaceiro.

¹¹ Ironia de Lima Barreto que indicava a voga nacional da modinha, em detrimento da polca, por exemplo. Machado de Assis criou no conto “Um homem célebre” o personagem Pestana, que queria a todo custo compor uma polca, mas sempre acabava por inventar uma modinha e assim ficava cada vez mais famoso. Ambos deveriam estar fazendo uma alusão ao embate de época entre popular (nacional) e erudito (estrangeiro). Apesar da influência erudita portuguesa, a música produzida no Brasil colonial foi adquirindo características próprias, se afastando do termo genérico de moda e do caráter lírico das árias, oriundos da Europa, a partir do final do século XVIII. Acompanhada da viola, abandonava a companhia do cravo e do piano. A minoria branca da colônia admitia a presença dessa música no ambiente privado, mas foi com o poeta, compositor e cantor Domingos Caldas Barbosa que a modinha ganhou maior notoriedade até mesmo no além-mar. Com ele, essa música mais vinculada ao vocabulário mestiço da colônia ganhou os salões de Lisboa. Durante o Segundo Reinado, a modinha popularizou-se, já com o acompanhamento do violão, instrumento cuja imagem ficou ligada, nesse contexto, à vida mundana. A modinha permaneceu em alta até a década de 1920, quando outras músicas ganharam notoriedade, como o lundu (dança e canto de caráter picaresco e de origem africana), que fundiu-se a outras danças, como a polca e o tango, originando, entre outros, o maxixe.

são da poesia nacional e o violão é o instrumento que ela pede. Nós é que temos abandonado o gênero, mas ele já esteve em honra, em Lisboa, no século passado, com o padre Caldas,¹² que teve um auditório de fidalgas. Beckford,¹³ um inglês notável, muito o elogia.

— Mas isso foi em outro tempo; agora...

— Que tem isso, Adelaide? Convém que nós não deixemos morrer as nossas tradições, os usos genuinamente nacionais...

— Bem, Policarpo, eu não quero contrariar você; continue lá com as suas manias.

O major entrou para um aposento próximo, enquanto sua irmã seguia em direitura ao interior da casa. Quaresma despiu-se, lavou-se, enfiou a roupa de casa, veio para a biblioteca, sentou-se a uma cadeira de balanço, descansando.

Estava num aposento vasto, com janelas para uma rua lateral, e todo ele era forrado de estantes de ferro.

¹² Domingos Caldas Barbosa (Rio de Janeiro, c. 1739 — Lisboa, 1800). Poeta e violeiro a quem se deve a popularidade da modinha brasileira em Portugal. Compunha e cantava modinhas e fazia versos satíricos, além de ser um hábil tocador de viola. Forçado pelo capitão-general Gomes Freire de Andrade a assentar praça na Colônia do Sacramento, no extremo sul do país (1762), voltou ao Rio de Janeiro quando a Colônia foi ocupada pelos espanhóis, obteve baixa e, por intermédio do conde de Pombeiros, transferiu-se para Portugal. Ali continuou seus estudos e foi ordenado padre, tornando-se capelão da Casa da Suplicação. Foi recebido como membro da Arcádia lusitana, adotando o nome de *Lereno Selenuntino*. Famoso como violeiro no Brasil, também se tornou muito popular no reino por conta de suas modinhas e lundus, que o fizeram frequentar saraus das casas mais abonadas.

¹³ William Thomas Beckford (1760-1844). Aristocrata inglês e romancista. É autor, entre outras obras, de *Memoirs of extraordinary painters* (1783) e *Vathek* (1786). Quando em 1787 esteve presente na corte da rainha de Portugal, d. Maria I, Beckford registrou a admiração cortesã pelas modinhas oriundas do Brasil.

Havia perto de dez, com quatro prateleiras, fora as pequenas com os livros de maior tomo. Quem examinasse vagarosamente aquela grande coleção de livros havia de espantar-se ao perceber o espírito que presidia a sua reunião.

Na ficção, havia unicamente autores nacionais ou tidos como tais: o Bento Teixeira, da *Prosopopeia*,¹⁴ o Gregório de Matos,¹⁵ o Basílio da Gama,¹⁶ o Santa Rita Durão,¹⁷ o

¹⁴ Bento Teixeira (Porto, c. 1560 [ou 1561]-[Pernambuco ou Lisboa] — 1600 [ou 1618]) — Lisboa 1600). Veio ainda criança para o Brasil e transformou-se em professor das primeiras letras, de latim e de aritmética. Em 1594 assassinou sua esposa, provavelmente motivado por adultério, refugiando-se no mosteiro de São Bento, em Olinda (PE). Seu principal trabalho foi a *Prosopopeia*, um poema épico considerado por muitos a primeira obra de literatura brasileira. Teria sido oferecido ao terceiro donatário de Pernambuco, Jorge de Albuquerque Coelho, em 1593, conforme Capistrano de Abreu. O poema foi publicado em Lisboa, no ano de 1601.

¹⁵ Gregório de Matos Guerra (Salvador, c. 1623 — Recife, 1696). Autor de poemas líricos que abordavam temas morais, religiosos, de costumes e amorosos. Seu pendor satírico valeu-lhe a alcunha de “Boca do Inferno”. Retratou a vida na Bahia seiscentista e apresentou pioneiramente um sentimento nativista.

¹⁶ José Basílio da Gama (Minas Gerais, 1740 — Lisboa, 1795). Como noviço da Companhia de Jesus, em Lisboa, foi transferido para Roma, onde ingressou na *Arcádia Romana*, aos 23 anos. Voltou por algum tempo à Lisboa, e passou um período no Brasil. Retornou então a Lisboa, quando foi condenado de jesuitismo e mandado para o exílio em Angola. A produção de um poema por ocasião do casamento da filha do Marquês de Pombal o salvou do degredo e fez com que recebesse ainda o posto de secretário do Marquês. Sua obra principal é o poema *O Uraguai*, além de *Epitalâmio*, *Quitúbia* e *Os campos elíseos*.

¹⁷ Frei José de Santa Rita Durão (Minas Gerais, 1722 — Lisboa, 1784). Após iniciar seus estudos no Rio de Janeiro, transferiu-se aos nove anos para Portugal, ingressando aos dezesseis na Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho. Doutorou-se em teologia, em Coimbra, e lecionou a disciplina na cidade de Braga. Após estadia em Roma, regressou como bibliotecário a Portugal, passando a lecionar em Coimbra. Sua principal obra é o poema épico *Caramuru*, em que narra o descobrimento da Bahia.

José de Alencar (todo),¹⁸ o Macedo,¹⁹ o Gonçalves Dias (todo),²⁰ além de muitos outros. Podia-se afiançar que nem um dos autores nacionais ou nacionalizados de oitenta pra lá faltava nas estantes do major.

18 José Martiniano de Alencar (Ceará, 1829 — Rio de Janeiro, 1877). Em sua obra *Como e por que sou romancista*, Alencar revela sua inserção no universo literário e pendor para a escrita de romances. Mesmo formado em direito, escrevia folhetins para jornais nacionais. Manteve ativa carreira na imprensa e no parlamento, não deixando de lado a profissão de escritor. Sua extensa obra compreende *Cinco minutos*, *O guarani*, *A viuvinha*, *Lucíola*, *As minas de prata*, *Diva*, *Iracema*, *O tronco do ipê*, *Sonhos d'ouro*, *Ubirajara*, *Senhora*, *O sertanejo*, entre outros romances, além de peças de teatro, crítica, crônicas e discursos parlamentares.

19 Joaquim Manuel de Macedo (Rio de Janeiro, 1820 — Rio de Janeiro, 1882). Formado pela faculdade de medicina do Rio de Janeiro, tornou-se, em 1845, membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e depois seu secretário. Na imprensa, fundou, com Gonçalves Dias e Araújo Porto Alegre, *A Guanabara*, e na tribuna manteve ativa participação como deputado na Assembleia Provincial do Rio de Janeiro. Também destacou-se como professor do Colégio Pedro II. Suas principais obras são *A moreninha*, *O moço louro*, *Os dois amores*, *A luneta mágica* e *Memórias da rua do Ouvidor*, além de muitas crônicas, obras didáticas, dramas, comédias e uma ópera.

20 Antônio Gonçalves Dias (Maranhão, 1823 — Maranhão, 1864). Poeta romântico que ficou conhecido como um dos cultores do indigenismo romântico na literatura nacional. Formado bacharel em Coimbra, onde iniciou sua produção literária, retornou para o Brasil em 1845. No ano seguinte, chegou ao Rio de Janeiro e passou a se dedicar ao jornalismo e ao magistério. De 1854 a 1858, viveu na Europa, como oficial da Secretaria dos Negócios Estrangeiros. Novamente no Brasil, organizou a Comissão Científica de Exploração (chamada “Comissão das Borboletas”), que percorreria o Norte do país, e para a qual desenvolveu trabalhos etnográficos. Dedicou-se à poesia, ao teatro, à filologia, à etnografia e à história. Suas principais obras são *Primeiros cantos*, onde aparece a famosa “Canção do exílio”, *Segundos cantos e sextilhos de frei Antão*, *Últimos cantos*, *Os timbiras*, o drama *Leonor de Mendonça* e o *Dicionário da língua tupi*.